

O CIÚME NA OBRA DOM CASMURRO

Raimunda da Silva e Silva (UERR)

raimundas36@gmail.com

Rejane Gonçalves Sousa Sanches (UERR)

rejannesoussa@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar aspectos relevantes da obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis, publicada em 1900, no período de efervescência do estilo de época realista. A história é narrada pelo protagonista Bento Santiago, portanto trata de uma narração autodiegese, com a intenção de unir os relatos de sua infância até o presente momento em que escreve o livro, para compreender algo mais do que o suposto adultério de sua mulher. Discutiremos um dos pontos cruciais que marcam a história do personagem principal, chamado por todos de Bentinho, que se deixa levar pelas frequentes crises de ciúmes que sente pela mulher que amou desde a infância, Capitu. Esse sentimento mostra-se habitual nas falas e atitudes do protagonista, que revelando insegurança no seu relacionamento e provocando grandes mudanças na sua personalidade. A abordagem do ciúme será tratada especificamente dentro da obra *Dom Casmurro*.

Palavras-chave: Ciúme. Narração. Autodiegese. Personalidade.

1. Introdução

Pretende-se neste trabalho analisar a obra de Machado de Assis intitulada *Dom Casmurro*, publicada pela primeira vez em 1900 e até hoje é muito bem apreciada pelo público leitor. O foco principal que abordaremos nesta análise é o ciúme de Bentinho, personagem conservador e inseguro, que demonstra a todo o momento muitas desconfianças de Capitu, uma moça curiosa e decidida que está além de seu tempo, por sua personalidade forte.

Considerado um dos melhores livros, *Dom Casmurro* torna-se importante não só pelos enigmas a respeito da suposta traição de sua esposa Capitu com o seu melhor amigo Escobar, mas por trazer na trama traços muito fortes a respeito do ciúme doentio que o mesmo nutria pela mulher amada. De forma persuasiva, o narrador tenta convencer o leitor da traição da esposa, que não é confirmada na obra, o que deixa todos curiosos com relação aos acontecimentos.

Veremos no decorrer do trabalho, que essa obra machadiana sofre inúmeras interpretações por sua narrativa ambígua, ou seja, mostra em

Capitu, ora uma moça boa e ingênua, ora uma mulher forte com atitudes surpreendentes, que naquela época não eram vistas com bons olhos. As desconfianças acontecem frequentemente, mas em nenhum momento o personagem chegou a presenciar episódios verídicos. Porém, agia dessa maneira apenas pela suposta ideia de imaginar que sua esposa o traia.

2. Uma breve abordagem sobre o Ciúme

Para muitas pessoas, o ciúme pode ser considerado como a manifestação do amor por ser algo inerente ao ser humano e pode vir acompanhado de angústias, dúvidas e inseguranças. É o que acontece na obra *Dom Casmurro*. É importante frisar que a existência desse sentimento não está ligada estritamente a fatos, motivos reais, nem precisa ser algo verdadeiro para existir, não depende do outro, nem tampouco de seu comportamento, mas acontece muitas vezes nos relacionamentos amorosos.

Segundo o significado oferecido no *Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2008, p. 238) ciúme é: “1. Sentimento doloroso causado pela suspeita de infidelidade da pessoa amada, zelos. 2. Angústia provocada por sentimento exacerbado de posse”.

Diante de tais significados, foi possível perceber muito desse comportamento em toda a trajetória do protagonista da obra que chegou a ocasionar o fim do seu casamento por suas terríveis desconfianças, além de ser capaz de pensar em sua própria morte, desejou a morte da esposa e quase provocou a morte do filho. É o que comprovaremos no tópico a seguir sobre o ciúme na obra.

Vemos, a partir disso, que ele transbordou os limites da normalidade e passou a ter reações doentias o que nos leva a crer que trata de ciúme patológico. De acordo com Cavalcanti (1997) as pessoas que sentem ciúme de maneira excessiva podem transformar a realidade de uma forma deturpada, o que pode virar um ciúme patológico, que provoca no ser a vontade de controlar o pensamento e maneira de se comportar do outro. Os pensamentos sobre a suposta traição acontecem de maneira simultânea e frequente, isso se dá pelo medo de perder a pessoa amada para o outro.

Esse fato ocasionou o final solitário de *Dom Casmurro*, uma pessoa frustrada que não consegue amar verdadeiramente, pois o ciúme venceu o amor que ele sentia. Capitu sofreu demasiadamente com as crises

de ciúme do esposo. Nesse sentido, podemos dizer que ela, a vítima do ciúme doentio perdeu seu vigor e até o amor por aquele homem, aceitando a separação naturalmente. É importante ressaltar que é de extrema importância haver confiança entre as relações para que estas não se destruam diante de motivos infundados que chega a prejudicar não só o casal, mas todas as pessoas que o rodeiam.

3. O ciúme na obra

Dom Casmurro é uma obra realista, portanto tem aspectos completamente diferentes do que era apreciado no estilo romântico. Trabalha sob o viés psicológico e particular dos personagens, além de demonstrar um registro fiel da realidade e escrita extremamente descritivista.

Segundo Coutinho (1999),

[...] Realismo é a tendência literária que procura representar, acima de tudo, a verdade, isto é, a vida tal como ela é, utilizando-se, para isso, da técnica da documentação contrariamente à invenção romântica. Interessado na análise de caracteres encara o homem e o mundo objetivamente, para interpretar a vida. Utilizando-se das impressões sensíveis, procura retratar a realidade graças ao uso de detalhes específicos, o que faz que a narrativa seja longa e lenta e dê a impressão nítida de fidelidade aos fatos. A estética realista procura atingir a beleza sob os disfarces do comum e do familiar, no ambiente local e na cena contemporânea. (COUTINHO, 1999, p. 12)

Diante dessas afirmações, percebemos que apesar de *Dom Casmurro* ter sido uma das primeiras obras realistas no Brasil, já se observa traços marcantes desse estilo, como a descrição da vida concreta, ou seja, verdadeira, que se contrapõe aos traços do romantismo. A realidade é passada objetivamente, não há pensamentos pessoais e subjetivos, os detalhes são extremamente visíveis, o que traz lentidão à narrativa.

Na obra citada, Bentinho, o personagem principal, era um menino órfão de pai, muito apegado à mãe, Dona Glória, uma mulher rica que mimava o seu único filho. Talvez por esse motivo Bento transformou-se em uma pessoa conservadora e insegura, chegando a ponto de perceber que amava sua amiga de infância por ter ouvido uma conversa do agregado José Dias com sua mãe.

Um dos primeiros momentos em que observamos o ciúme foi quando José Dias visitou Bentinho no seminário e falou do comportamento de Capitu: “Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo, enquanto não pegar algum peralta da vizinhança que case com

ela...” (ASSIS, 2010, p. 105). Nesse instante, percebemos evidentemente que Bento não se conformou em saber que enquanto ele permanecia triste e chorando todas as noites e sempre pensando nela, a sua amada, pelo contrário, parecia nem pensar mais nele e sentia-se feliz apesar da distância.

Outro momento que podemos citar é quando Bentinho fala:

[...] escapei ao agregado, escapei a minha mãe não indo ao quarto dela, mas não escapei a mim mesmo. Corri ao meu quarto e entrei atrás de mim. Eu falava-me, eu perseguia-me à cama, e rolava comigo, e chorava, e abafava os soluços com a ponta do lençol [...] (ASSIS, 2010, p. 121).

Isso aconteceu após o personagem ter visto Capitu observando o cavaleiro que passava e a admirava na janela, e até mesmo trocando olhares, nesse momento, Bento sem saber do que realmente tratava a cena passou a tirar suas próprias conclusões.

Depois que Bento Santiago casou-se com Capitu, aquele ciúme de adolescente aumentou cada dia mais e passou a fazer parte do seu dia a dia. Como veremos no decorrer desse trabalho.

Em outro capítulo, percebemos o ciúme dos braços nus de Capitu, que era admirado por outros homens no baile em que eles frequentavam. Logo em seguida, apresenta outra cena de ciúme, dessa vez é da contemplação de Capitu pelo mar:

Venho explicar-te que tive tais ciúmes pelo que podia está na cabeça de minha mulher, não fora ou acima dela. É sabido que as distrações de umas pessoas podem ser culpadas, pois que em matéria de culpa a graduação é infinita. A recordação de uns simples olhos basta para fixar outros que o recordem e se deleitam com a imaginação dele. Não é mister pecado efetivo e mortal, nem papel trocado, simples palavras, aceno suspiro ou sinal ainda mais miúdo e leve [...] (ASSIS, 2010, p. 157).

Diante dessas palavras, observamos que tal ciúme era uma ameaça perceptível, pois acontecia até mesmo quando Bentinho observava gestos simples de Capitu, quando estava perto dele ela não podia nem ao menos se distrair ou ficar refletindo sobre alguma coisa, isso já o fazia imaginar que ela tinha algo a esconder.

O protagonista era excessivo e suas próprias palavras revelam: “cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsas, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança [...]” (ASSIS, 2010, p. 171).

O momento de extremo ciúme e insegurança do protagonista se dá

durante o velório de seu amigo Escobar, onde ele a observa:

Capitu olhou alguns instantes para o defunto com olhar, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltasse algumas lágrimas poucas e caladas. As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga e quis leva-la; mas o cadáver parece que a retina também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais o da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã. (ASSIS, 2012, p. 176)

É notório que apesar da amizade entre Bentinho e Escobar, ele não aceitava em nenhum momento que sua esposa demonstrasse algum sentimento de tristeza e dor pela morte do amigo, subtraindo-se que era preferível que ela se mantivesse fria, neutra, sem nenhuma demonstração de que estava comovida com o acontecimento.

Bentinho pensava constantemente que sua esposa teria o traído e ainda gerado um filho de Escobar, pois observava as imitações do garoto e comparava-as com o comportamento do amigo:

Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo. Eram como um debuxo primitivo que o artista vai enchendo e colorindo aos poucos, e a figura entra a ver, a sorrir, a palpitar, falar quase, até que a família pendura o quadro na parede, em memória do que foi já não pode ser. Aqui podia ser e era [...] Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a bênção do costume. Todas essas ações eram repulsivas; eu tolerava-as e praticava-as para me não descobrir a mim mesmo e ao mundo. (ASSIS, 2010, p. 183-184).

Depois do enterro de seu amigo, Bentinho passou a desprezar o filho, que a cada dia parecia-se mais com o finado a ponto dele comparar com a fotografia e ver grandes semelhanças, como se o defunto estivesse voltando da sepultura. Nesses instantes em que ele observava tantas semelhanças e via a relação entre mãe e filho, sentia muita raiva, se desesperava e tinha vontade de matá-los. Tal situação já estava incomodando até Capitu que propôs mandá-lo para um colégio, aonde Ezequiel só viria para casa aos sábados. O menino não aceitava a situação, mas o próprio pai o levou:

Fui eu mesmo que o levei um dia de manhã, uma segunda-feira [...] Levei-o a pé, pela mão, como levava o ataúde do outro. O pequeno ia chorando e fazendo perguntas a cada passo, se voltaria para casa, e quando e se eu iria vê-lo [...] E lá o levei e deixei. A ausência temporária não atalhou o mau, e toda a arte fina de Capitu para fazê-lo atenuar, ao menos foi como se não fosse; eu sentia-me cada vez pior. (ASSIS, 2010, p. 185)

Como vemos, essas situações constantes de ciúmes iam consumindo Bentinho, que se tornava cada vez mais inseguro e infeliz, característica típica de pessoa ciumenta, e só foi agravando-se cada vez mais e se transformando em um ciúme patológico. Vejamos mais um ponto que caracteriza o sentimento exacerbado que acontecia com o protagonista da obra: isso aconteceu no dia em que Bentinho andou a noite toda na rua e já chegou a sua casa pela manhã e praticou as seguintes ações:

Cheguei a casa, abri a porta devagarinho, subi pé ante pé, e meti-me no gabinete; iam dá seis horas. Tirei o veneno do bolso, fiquei em mangas de camisa, e escrevi ainda uma carta, a última, dirigida a Capitu. Nenhuma das outras era para ela; senti necessidade de lhe dizer uma palavra em que lhe ficasse o remorso da minha morte [...] Não lhe lembrava o nosso passado, nem as lutas havidas, nem alegria alguma; falava-lhe só de Escobar e da necessidade de morrer o meu plano foi esperar o café, dissolver e ingeri-la [...] (ASSIS, 2010, p. 187-188).

A falta de confiança que existia em Bento Santiago já estava acontecendo de forma exagerada, o sentimento já estava se tornando doentio, e com isso sentia a necessidade de acabar com sua vida. Mas depois de ir ao teatro e assistir a peça *Otelo*, Bentinho pensou:

[...] Capitu devia morrer. Ouvi as súplicas de Desdêmona, as suas palavras amorosas e puras, e a fúria do mouro, e a morte que este lhe deu entre aplausos frenéticos do público. – E era inocente – vinha eu dizendo rua abaixo. – Que faria o público se ela devesse fosse culpada, ou tão como Capitu? E que morte lhe daria o mouro? Um travesseiro não bastaria; era preciso sangue e fogo, um fogo intenso e vasto, que a consumisse de todo, e a reduzisse a pó, e o pó seria lançado ao vento, como eterna extinção [...] (ASSIS, 2010, p. 187).

Como se não fosse suficiente, Bentinho se arrependeu de suicidar-se e pensou em se tornar assassino de seu próprio filho:

Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café. – Já, papai; vou à missa com mamãe. – toma outra xícara, meia xícara só. – E papai? – Eu mando vir mais; anda, bebe! Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara tão trêmulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo caso o sabor lhe repugnasse, ou a temperatura, porque o café estava frio... Mas não sei o que senti que me fez recuar (ASSIS, 2010, p. 189).

Depois desse momento, Bento se arrependeu de ter programado a situação que causaria a morte de Ezequiel, em seguida Capitu apareceu e percebeu que algo estranho estava acontecendo, foi quando Bentinho começa a dizer sobre suas desconfianças a respeito da paternidade do menino, eles discutem muito e resolvem se separar.

4. Considerações finais

Após o estudo, podemos observar que um dos pontos relevantes a ser profundamente estudado é o ciúme. O que implica dizer que a busca da comprovação da traição não encontra justificativa, tendo em vista que os relatos se dão de forma unilateral e sem qualquer prova clara. No entanto, sua ambiguidade cria uma curiosidade ao leitor o que torna ser uma obra demasiadamente consultada até os dias atuais.

Sabemos que uma das principais atitudes que gera conflitos amorosos tem a ver com a falta de confiança, esse sentimento que causa tristeza, solidão, dúvidas, insegurança, e, por muitas vezes, consequências trágicas, tudo isso em virtude do ciúme. É importante ressaltar que o ciúme faz parte da vida de todo ser humano; o que o diferencia é o grau com que ele existe, ou seja, em algumas pessoas ele é moderado e em outras ele tem mais intensidade, como é o caso do personagem tratado na obra.

Bentinho, a todo custo mostrou as suas justificativas com relação ao comportamento de Capitu, até porque é formado em advocacia e tinha argumentos suficientes para convencer o leitor sobre o seu ponto de vista, enquanto ela não teve direito a sua defesa. Isso é bem típico de uma pessoa ciumenta, obsessiva que vê coisas onde não existe. Desse modo, o ciúme foi tão doentio que destruiu o amor que o casal nutria desde a infância. Esse tipo de sentimento provocou consequências para todos da família

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: era realista, era de transição*. 5. ed. São Paulo: Global, 1999.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 8. ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- CAVALCANTE, A. M. *O ciúme patológico*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa* dicionário. Coordenação de edição: Marina Baird Ferreira. Equipe de lexicografia: Margarida dos Anjos. 7. ed. Curitiba: Positivo; 2008.